

## **Livros de História: bibliotecas e mercado editorial no século XIX**

Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (UERJ/Prociência/CNPq/Faperj/Pronex)

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção...José de Alencar. *Como e porque sou romancista*.

Quando apresentei o resumo para o futuro texto integral a ser divulgado durante o encontro nacional da ANPUH, denominado *Guerra e Paz* ainda dependia de levantamento a ser feito na Biblioteca Nacional. No entanto, as instituições vinculadas ao Ministério da Cultura entraram em greve e meu levantamento foi sendo adiado. Por este motivo, já que a greve continua, optei por analisar questões que atingiam os leitores do século XIX, comparando as denominadas “leituras frívolas” e “leituras sérias”, mudando o enfoque que havia dado no resumo anteriormente apresentado.

A expressão “leituras frívolas” retirei de um relatório do bibliotecário e médico Ramiz Galvão quando comentava, desgostoso, as opções de muitos leitores que procuravam a Biblioteca Nacional, ao longo da segunda metade do século XIX. Era uma constatação que também pode ser avaliada através das bibliotecas de profissionais como médicos e advogados. As bibliotecas particulares deste período tinham em seus acervos folhetins, romances e textos de literatura em geral, ao lado de obras de literatura médica e jurídica. Através do registro de obras e bibliotecas em inventários pode-se constatar a existência de livros para atualização técnica, pois muitas delas compunham-se, na maior parte, de obras voltadas para utilização no exercício de suas profissões, sem que se possa desprezar, no entanto, “as leituras frívolas”.

Nelas, depois do português, a língua predominante era o francês. Gilberto Freire notara que o livro francês no Brasil, na primeira metade do século, era o preferido, em detrimento do livro latino e do inglês. E a escolha recaía sobre os livros de literatura, filosofia e política, além dos livros técnicos, originais ou traduzidos. Os textos franceses eram os mais conhecidos e recomendados; daí, serem mais comumente localizados nas bibliotecas de médicos e advogados da segunda metade do século XIX. <sup>1</sup>

O *Jornal do Commercio*, por exemplo, divulgava títulos de textos à venda como propaganda das livrarias existentes na cidade do Rio de Janeiro. Também havia muitos anúncios de leilões de livros. Aqui também a língua predominante era o francês, mesmo nos avisos destes leilões, sobretudo durante a década de setenta. Autores como Corneille, Racine, Molière, Montesquieu, Rousseau, Benjamin Constant ao lado de Victor Hugo, Alexandre Dumas e Eugène Sue. Ponson du Terrail e Chateaubriand eram também muito indicados nas listagens. Dos portugueses, os mais comuns eram Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Almeida Garret e Luís de Camões. Na segunda metade da década, tornaram-se mais freqüentes obras em inglês e alemão: Shakespeare, Schiller, Goethe, Proudhon, Walter Scott, Dickens, Disraeli e as irmãs Brönte estavam entre os mencionados mais amiúde. Os lotes de dicionários eram cada vez mais freqüentes.<sup>2</sup>

Os registros mais comuns não ocupavam muito espaço do jornal. Eram anúncios pequenos com os títulos das obras; nos quais se mencionava seu caráter geral, como “obras em francês”, “livros em diferentes idiomas” ou “coleção de livros de medicina”, “escolhida livraria de todos os ramos da ciência” ou “livros diversos”. Os anúncios, no entanto tornaram-se cada vez mais especializados, e os leilões passaram a descrever, com detalhes, as características dos seus lotes, mencionando, também por exigência legal, os nomes dos antigos proprietários.

Em meados do século XIX, os currículos adotados por escolas do Rio já evidenciavam uma forte influência de autores clássicos ou franceses, ou ainda clássicos comentados por estudiosos franceses, tendência que era reforçada nos cursos universitários. Na passagem do século, esta influência se atenuou, acrescentando-se às humanidades e à gramática, cursos de ciências naturais, geografia, matemática e história, que enriqueciam e ampliavam a formação intelectual.<sup>3</sup>

Neste universo de leituras feitas com intenções profissionais ou escolares uma nova tendência floresceu, tal como havia florescido em Paris: o folhetim. O folhetim francês foi uma das primeiras “leituras frívolas” a ganhar adeptos no Brasil. Entre os autores mais consumidos, reconhecidos e comentados por Machado de Assis, e mais tarde por

Monteiro Lobato, havia dois que vou destacar: Paul de Kock<sup>4</sup> e Ponson de Terrail.<sup>5</sup> Estes autores de romances e textos de aventuras, considerados pelos mais sofisticados como literatura popular e de baixa qualidade literária, foram muitos populares na França e no Brasil. Seus textos foram primeiramente publicados como pé de página ou encarte nos jornais. Depois apareciam em volumes que compunham bibliotecas particulares e eram objeto de curiosidade ou críticas. Com textos com um grande viés para a inverossimilhança e para o aventureiro atingiu um forte público, cativado primeiramente pelos fragmentos publicados nos jornais, tal como tinha acontecido na França.

Nas bibliotecas particulares muitas das obras eram coleções encadernadas do *Rocambole*, dos *Mistérios de Paris* ou outras tantas já publicadas em fascículos. No entanto, a maioria dos leitores estava concentrada entre profissionais que ainda guardavam uma formação humanista fundamentada no interesse por obras literárias mais sólidas, de origens diversas, não só os folhetins. Além dos livros citados nos inventários, em colunas e textos de jornais, nas listagens das visitas às bibliotecas públicas, em suas correspondências particulares, memórias e outros registros os proprietários e leitores desta categoria deixaram claro que os poemas, romances, folhetins e toda espécie de literatura exposta nas livrarias tinham consumidores, homens e mulheres, que eram atraídos por este objeto de consumo cada vez mais acessível no Brasil da transição do século XIX para o XX.<sup>6</sup>

Uma questão plausível, quanto à maior presença de livros de importância profissional nos inventários, seria associada ao fato de que romances e poesia ficarem intencionalmente de fora, porque eram interessantes para uso doméstico. Nas leituras quotidianas ou nos saraus, quando era comum ler coletivamente e em voz alta, seria natural que todos preferissem obras de literatura e poesias e não um livro científico ou técnico. Aqueles se manteriam para uso da própria família, e estes, apenas nos casos em que os filhos seguissem a profissão dos pais. Parte do acervo serviria para o lazer daqueles que não necessitavam de obras científicas, mas de textos de interesse literário.

A tendência mais marcante em inventários foi a superioridade das *Belas Letras*, seguidas muito proximamente pela *História*. Esse índice ficou próximo do apresentado ao relatório elaborado, na mesma década, por Ramiz Galvão, na Biblioteca Nacional. Abrangia apenas os anos de 1875 e 1876 e indicava, entre 4.583 leitores de 4.819 obras, no primeiro ano, a concentração de 2.124 em *Belas Letras*, e no ano seguinte, 1.842 leitores para 2.104 obras, sendo 729 de *Belas Letras*. O segundo lugar cabia aos periódicos nacionais e estrangeiros, tendo sido lidos, respectivamente, 715 e 430 exemplares naqueles anos.<sup>7</sup>

Nas décadas de setenta e oitenta, havia na Corte um número significativo de bibliotecas que ampliavam seus acervos através da aquisição de novas obras: a própria Biblioteca Nacional, as bibliotecas da Faculdade de Medicina, Escola da Marinha, Academia de Belas Artes, Imperial Instituto dos Meninos Cegos, Instituto dos Surdos Mudos, Mosteiro de São Bento, Conventos de Santo Antônio e do Carmo, Biblioteca Fluminense, Gabinete Português de Leitura, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e outras mais, que tinham o número de seus leitores freqüentemente divulgados no *Jornal do Commercio*.

Por isso, as bibliotecas públicas representavam um espaço bastante procurado pelos leitores, que as freqüentavam com objetivos diversos: preparação de lições para estudantes das faculdades do Rio, leitura de periódicos, exame de obras raras e de interesse histórico, literatura de viagens, mapas e plantas. O acervo de muitas supria temas que nem sempre era possível encontrar em livrarias. Algumas potencializavam a freqüência de leitores através da criação de salas separadas de leituras, salões de conferências e outros tipos de eventos, a fim de ampliar a esfera do convívio de seus associados. Os jornais publicavam vários avisos, que serviam como informação para os leitores. Esses indicadores foram úteis para a compreensão das preferências e interesses dos possíveis clientes.

Cuidou-se, também, do conforto do leitor para atraí-lo, quando todas as bibliotecas procuravam divulgar as peculiaridades que as tornavam mais cativantes para o longo tempo dedicado à tarefa de ler. A Biblioteca Nacional, por exemplo, avisava

através de seus reclames na imprensa que fornecia papel, pena e tinta para se tomarem apontamentos, além da iluminação especial de luz elétrica por lâmpadas incandescentes no expediente entre seis e nove horas da noite, conforme o *Almanaque Laemmert* de 1893.

Mas porque a preocupação com leituras frívolas de Ramiz Galvão? Um dos administradores mais ativos e festejados da Biblioteca Nacional formou-se em medicina, mas logo após a conclusão de seu curso, dedicou-se à Biblioteca. Instalada na época à Rua do Passeio n. 48, teve toda a atenção de Ramiz que de imediato empenhou-se em criar melhores condições para seu funcionamento. Em relatório dirigido ao Imperador, em 1876, Ramiz descreve os trabalhos executados para tornar a Biblioteca um local adequado aos seus usuários, cuja freqüência, no curso de 18 meses, atingiu a cifra de 6.425 leitores, os quais consultaram um total de 6.923 obras.

Como vê V. Ex., a freqüência do público a este estabelecimento continua a ficar aquém do que devera ser, atentas às muitas riquezas que possuímos em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Já em relatórios passados tive a honra de chamar a atenção do ilustrado governo Imperial para este fato, e expus com franqueza as causas a que o atribuí; me é grato confessar entretanto que uma dessas causas tende a desaparecer, e brevemente não existirá mais, visto que a deficiência dos catálogos antigos vai desaparecendo gradualmente com os trabalhos de organização dos novos.<sup>8</sup>

Continuava com a expectativa que, mesmo depois destas modificações, o público poderia permanecer escasso, mas julgava que a explicação era simples. Primeiro, mesmo que os catálogos melhorassem, não açambarcariam a totalidade do acervo (ambição de muitos, às vezes inatingível), parte do qual deveria ainda ser acessado por velhos e imperfeitos registros e, segundo, que o pessoal que trabalhava na Biblioteca, apesar de trabalhador, não era suficiente para promover o melhoramento necessário. Acrescentava, ainda, outro problema que gostaria de superar: "... o mal local em que se acha situada, longe do centro da cidade e por assim dizer no começo de um arrabalde."<sup>9</sup>

Reagia de maneira indignada a certos comentários negativos que dizia existirem quanto ao número de leitores da Biblioteca Nacional:

Por mais de uma vez se me tem pretendido atirar à face, direta ou indiretamente a odiosa comparação da freqüência do público a esta repartição e a outras bibliotecas da capital do Império, como para se fazer sentir que não é de fato causa real da escassez de leitores a carência de estudiosos: mas a verdade é, Exm. Sr., que esta comparação não pode ser feita senão por indivíduos ou de má fé ou leigos na matéria. Ninguém ignora que os estudantes das Academias existentes na Corte representam um pessoal numeroso e capaz de influir poderosamente na estatística de leitura; ora se é certo que outras bibliotecas têm a obrigação de prestar a esse pessoal os elementos de que ele carece para o preparo de suas lições diárias, também é incontestável que não é este o fim da grande Biblioteca Nacional da Corte, assim como não o é da Biblioteca Nacional de Paris, que não obstante sua imensa superioridade a quase todos os respeitos, está longe de competir em freqüência de leitores com a Biblioteca de Santa Genoveva, a cuja porta fazem cauda os estudantes da Universidade.<sup>10</sup>

Seu relatório prosseguia fazendo uma análise das preferências de boa parte do público pelas “leituras frívolas” (aspas minhas), novelas, poesias ligeiras e peças escandalosas, no lugar de consulta a obras de elevado padrão científico ou literário, que compunham a maior parte do acervo da Biblioteca Nacional. Os talentos sólidos e de grande seriedade seriam escassos e as obras de rara erudição pouco significariam para aquele tipo de leitor. De qualquer forma, havia outros problemas a combater. Por exemplo, as tipografias que não obedeciam à legislação que as obrigava à entrega de exemplares de sua produção para o aumento do acervo da Biblioteca. No ano do relatório, o total de obras doadas espontaneamente por indivíduos ou pelas editoras chegou a 855, contra 2.536 volumes adquiridos por compra e B. L. Garnier, D. Charnay, Cruz Coutinho, Charles Porquet e A. Trubner, inclusive revistas, novas coleções, como a Camoneana, e a coleção completa dos *Documents inédits pour l'histoire de France*.<sup>11</sup>

Mesmo bibliotecas importantes, como a da Faculdade de Direito de São Paulo, eram deficientes em livros científicos e outras obras necessárias ao aprofundamento de estudos, segundo queixas encontradas nas obras sobre as academias brasileiras. De qualquer forma, esses profissionais não ficavam restritos a estes tipos de consulta. Médicos, advogados e outros profissionais letrados circulavam com certa desenvoltura pelo jornalismo, pela literatura e, parecendo até uma “fatalidade latino-americana”, também pela política, ampliando seus temas de leituras<sup>12</sup>. Tinham, geralmente, necessidade de um conjunto de obras que ultrapassavam os limites de uma biblioteca banal. A busca, nessas bibliotecas, desvelava ainda informações sobre publicações que tinham presença assídua, sobretudo teses, poesias, artigos em jornais e outros periódicos. Algumas delas possuíam uma riqueza e pluralidade que muitas bibliotecas públicas almejavam. Outras eram linearmente formadas dentro das necessidades práticas de seu possuidor.

A essas possibilidades acrescentam-se dificuldades, à medida que o livro guardado no espaço privado contrapõe-se, em situação, ao livro instalado para uso em espaço público. O primeiro pode se instalar na desordem e sobreviver. Os outros se instalavam na ordem e na classificação, que se buscava aperfeiçoar, como no caso das bibliotecas para uso público.

Le cabinet idéal du collège jésuite dont témoignent par exemple les *Vocationes Autumnalis* du père de Cessoles, la bibliothèque de Voltaire à Ferney, la librairie de Montaigne comme celle de Diderot exposent ces manières de gérer l'espace qu'organise la volonté de protéger, de donner à voir, de créer un lieu adapté au travail de l'esprit comme à la sociabilité.<sup>13</sup>

A impressão mais habitual era que a maioria dos leitores era cativado por este tipo de leitura, leve e descompromissada, e que os livros sérios tinham um público muito restrito. No século XX comentando em cartas e artigos a mediocridade das bibliotecas e a restrição das leituras preferidas no Brasil, Monteiro Lobato também volta ao tema. Muito mais grave que as “leituras frívolas”, ao retratar a vida literária em pequenas cidades do Brasil, as “cidades mortas”, Lobato<sup>14</sup> classificava-a de medíocre, dividindo a população entre alfabetizados e analfabetos, sendo os primeiros os que tinham lido os *três únicos livros*

existentes, nas imaginárias cidades: *La Mare d'Auteuil*, de Paul de Kock, alguns volumes do *Rocambole*, de Ponson de Terrail e a *Ilha Maldita* de Bernardo Guimarães.

As leituras frívolas continuavam a preponderar sobre as leituras sérias e científicas pelo menos nas avaliações críticas de alguns especialistas. No entanto, para conclusões mais fundamentadas espero analisar outros aspectos da questão que ainda carecem de investigação mais acurada e que espero desenvolver a partir de fontes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Gilberto Freire. *Um engenheiro francês no Brasil*. (v. 1). Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 276-282.

<sup>2</sup> Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 20 jan 1875; 17 fev 1875; 19 fev 1875; e, 03 mar 1875.

<sup>3</sup> Wilson Martins. *História da Inteligência Brasileira*. (v. 5). São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1977-78. p. 347-348.

<sup>4</sup> Capturado de [gallica.bnf.fr/anthologie/piece.asp](http://gallica.bnf.fr/anthologie/piece.asp). Charles Paul de Kock. Nasceu em Passy, Paris em 1794 e morreu em Saint Denis, em 1871. Foi um autor muito prolífico e produziu, sobretudo, romances populares em fascículos e muitas vezes ilustrados, totalizando cerca de 400 textos, entre romances, vaudevilles e melodramas. Adquiriu imensa popularidade na França e depois também fez sucesso no Brasil. Seus textos tinham muitos diálogos e humor, chegando a ser comentado por Chateaubriand como um grande inspirador para os leitores: "Com ele pode-se rir e ter esperanças".

<sup>5</sup> Capturado de [www.roman-daventures.info/auteurs/france/francais3.htm](http://www.roman-daventures.info/auteurs/france/francais3.htm). Pierre Aléxis, visconde de Ponson du Terrail, nasceu em Montmeur, França em 8 de julho de 1829 e morreu em Bordeaux no dia 10 de janeiro de 1871. Considerado um dos mestres do romance-folhetim. Sua família pretendia que ele se vinculasse à Marinha, mas Terrail optou por viver de seus textos, desde 1850. Romances mais conhecidos: *As aventuras de Rocambole*, e *os Dramas de Paris (1859)*, com textos reunidos em 1884. Como Kock tinha grande capacidade de trabalho, chegando a escrever, nos piores anos, cerca de trinta títulos, para muitos jornais parisienses.

<sup>6</sup> Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 8 e 27 jan 1870, 13, 30 e 31 mar 1870; para o aumento das especificações, ver Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. 18 mai 1872 e 21 dez 1875: "Eneas Ponte ... honrado com a confiança do Exmo. Sr. Conselheiro José Martiniano de Alencar faz importante leilão ... com Gabinete de Leitura e biblioteca", com descrição detalhada de livros e autores

<sup>7</sup> Biblioteca Nacional. S. de Obras Raras. Benjamim Franklin Ramiz Galvão. *Relatório do bibliotecário da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1876. p. 16.

<sup>8</sup> Biblioteca Nacional-Seção de Obras Raras. Benjamim Franklin de Ramiz Galvão. *Relatório do Bibliotecário da Biblioteca Nacional ... dos trabalhos executados durante o ano de 1875 e no primeiro semestre do ano de 1876*. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1876, p. 1.

<sup>9</sup> Idem. Ibidem. p. 2.

<sup>10</sup> Idem. Ibidem. p. 2.

<sup>11</sup> Idem. Ibidem. p. 2-3.

<sup>12</sup> Para a ênfase na expressão "fatalidade latino-americana" na participação política, ver Angel Rama. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 111 e Gilberto Freire. *Ordem e Progresso* (v. 1). Rio de Janeiro/Brasília: J. Olympio/INL, 1974, 2 v., p. 204.

<sup>13</sup> Daniel Roche. Lumières. In: Richard Fiquier (Dir). *La Bibliothèque*. Paris: Autrement, [1992]. p. 92-94.

<sup>14</sup> Cf. João Gabriel Rosa de Almeida. *O ingrato promotor de Oblivion: a memória da cidade de Areias acerca de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado, PPGH/UERJ, março de 2004 p. 67.